

EMPREENDEDORISMO TECNOLÓGICO

Daniel Nascimento-e-Silva, PhD

Presidente da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa, Extensão e Interiorização do IFAM

O empreendedorismo pode mudar completamente uma organização tecnológica, transformando-a em centro de produção de inovação jamais imaginada. Essa capacidade pode ser apreendida por qualquer indivíduo, não é algo genético ou miraculoso. Este artigo tem como objetivo mostrar que o empreendedorismo é uma capacidade humana que tem sido cada vez mais exigido dos executivos de organizações tecnológicas e que, no fundo, essa é uma atitude divina, porque empreender é amar de verdade.

Muita gente imagina que empreendedorismo é sinônimo de criar empresas ou algo equivalente. Apesar desse pessoal não estar certo com relação a isso, não estão de todos corretos. A razão dessa miopia é que as pessoas comuns veem apenas a aparência e não conseguem identificar a essência empreendedora; dito de outra forma, veem o empreendedor “vendendo” ou “fabricando” alguma coisa ou “atendendo” alguém, mas não conseguem ver que por baixo desse vender, fabricar ou atender esta uma atividade desafiadora mais nobre: a capacidade de suprir necessidades.

O empreendedor é, portanto, todo e qualquer indivíduo que tem um sentido apurado para identificar e suprir necessidades, sejam elas quais forem. Por exemplo, J. D. Rockefeller foi um empreendedor quando inventou o sistema de transporte de petróleo por oleodutos enquanto imperavam as ferrovias e seus barões. Havia a necessidade de transportar petróleo; mas, como o preço do transporte ferroviário era cada vez mais aviltante, o empreendedor americano, imitando o sistema de suprimento de água, criou os oleodutos e destruiu o poder dos donos de ferrovias, seus principais fornecedores de transportes.

Estamos enfrentando, neste momento, grandes desafios no Estado do Amazonas, que o estão impedindo de se desenvolver. Um deles é a falta de internet de banda larga com qualidade e preços civilizados; outro é a falta de pessoal com titulação de mestrado e doutorado tanto na capital, mas essencialmente no interior, para que possamos cumprir com nossas metas de formar no estado profissionais e cidadãos de alta capacidade de ação. Como age todo empreendedor, não podemos ficar esperando a ação do estado ou de Deus para que façamos o que nós mesmos temos que fazer.

Esta é a segunda característica empreendedora: agir. João (nome fictício) é diretor de tecnologia da informação de uma grande organização amazonense. Faz vinte anos que é diretor e a situação da TI da organização continua a mesma: máquinas velhas, internet que não funciona e de baixa velocidade e não conseguiu implantar sequer um metro de fibra ótica. José (nome fictício) é gerente de TI de outra organização, só que pública. Assumiu a gerência e antes de terminar seu primeiro mês de gestão conseguiu dinheiro para cabear toda a organização, comprar máquinas e equipamentos de última geração, capacitar todo o quadro funcional da organização e obteve, grátis, softwares fundamentais para as atividades meio e fim da instituição. Isso é agir de forma empreendedora.

Um verdadeiro empreendedor se sentiria fracassado se fosse contido o ímpeto do suprimento das necessidades humanas e sua potencialidade de ação. Na verdade, não conheço um único exemplo de empreendedor em que uma dessas habilidades tenha sido tolhida e que tenha continuado na empresa. Empreendedores se demitem quando o ambiente não permite que suas habilidades empreendedoras não sejam aproveitadas. Isso não é exemplo de egoísmo ou prepotência, mas uma espécie de necessidade de não ficar imobilizado – ou ocioso, o que é pior.

Os exoempreendedores dão vida e abrem novas oportunidades de ação para as organizações, enquanto os endoempreendedores aperfeiçoam os processos internos. Nosso desafio em levar internet de qualidade e de alta velocidade para todo o estado do Amazonas é um exemplo de exoempreendedorismo, enquanto a revolução que José provocou em sua empresa é um exemplo típico de endoempreendedorismo. Na verdade, não importa se o suprimento de necessidades vai para além ou aquém da organização, o que importa é que essa capacidade seja incentivada e desenvolvida por todos os membros institucionais.

Ferreira Gulart disse certa vez que os empreendedores são artistas, que criam empreendimentos ao invés de escreverem poesia. De fato, a grande orquestra da contemporaneidade é criada e regida por empreendedores. E isso parece ser uma missão divina, se compreendermos com precisão o sentido do verbo amar, quando utilizado por Cristo ao recomendar que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou. É que amar não é um sentimento, mas uma atitude, é ação. Ninguém ama o outro quando o vê passando fome, sem ajudar, por exemplo.

Amar significa, com toda a precisão do mundo, suprir necessidades. Da mesma forma que o empresário fabrica sapatos para suprir a necessidade de calças os descalços, acariciar a cabeça de um desesperado também é suprimento de necessidade: necessidade de afeto. As atitudes empreendedoras são, conseqüentemente, atos de amor, ainda que inconscientemente possam ser equivocadamente confundidas com atos solitários e egoístas de lucros constantes e abusivos. Dada a imperfeição humana, um ato de amor apaga uma multidão de pecados.